Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 272

11 DE JULHO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela travessa do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignatura deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Promettemos ir á exposição das faianças das Caldas, fomos e ficámos deslumbrados.

Fomos já perfeitamente preparados para esse deslumbramento, tinhamol-o como cousa certa e apesar d'isso os nossos olhos receberam uma impressão agradabilissima, a realidade excedeu a nossa espectativa.

E não é facil acontecer isto e tanto que, por causa d'uma brincadeira d'estas, o *Fausto* de Gounod, essa explendida opera que hoje occupa um dos primeiros logares entre os nossos grandes enthusiasmos lyricos, excitou mediocremente a nossa admiração, a primeira vez que a vimos; valeu-nos até um certo desapontamento na sua primeira audição.

E que, já nos não lembra bem porque — se isso foi ha tantos annos! — não fomos ás primeiras recitas do *Fausto* em S. Carlos, d'esse *Fausto* que foi um triumpo enorme para a Volpini, para o Mongini, para o Junca e para o Squarcia, e que foi um manancial de boas libras para a empreza Valdez & Cossoul. Toda a gente nos dizia maravilhas da opera nova, de modo que na noite em que fomos ao theatro para ver o *Fausto*, quando nos sentamos na nossa cadeira, iamos a esperar qualquer cousa de assombroso, de extraordinario, de sobrenatural, tinhamos no nosso espirito uma opera ideal, perfeitamente indefinida, mas que se perdia nas regiões do maravilhoso.

No fim a orchestra tocou a symphonia, o panno ergueu-se o *Fausto* começou a descrer da sua sciencia debruçado sobre os seus alfarrabios com a sua barba de estopa, depois veio o Mephistopheles, veio Gretchen a fiar, veio o coro dos velhos, veio o coro das cruzes, veio a seducção de Margarida, veio o duetto ao luar, veio a tropa, veio o diabo — esse não que já lá estava desde o principio — veio a opera toda em summa e o *Fausto* de Gounod ficou muito abaixo do *Fausto* da nossa phantasia, e só mais tarde ouvindo-o cinco ou seis vezes, conhecendo mais a opera de Gounod, e esquecendo mais a nossa opera ideal é que começamos a ter um verdadeiro culto pela famosa opera franceza.

Pois com a louça das Caldas não nos aconteceu isso.

E verdade que não levavamos a cabeça cheia de bilhas ideaes e de jarras imaginarias, não *detalhavamos* no nosso espirito as maravilhas que iamos ver, mas o conhecimento que temos do talento extraordinario, sempre cheio de surprezas de Raphael Bordallo, fazia-nos synthetisar todas essas jarras, vasos, talhas e bilhas n'um deslumbramento phantastico.

Depois tinhamos falado dias antes com um amigo intimo, um escriptor muito distincto, um talento originalissimo que se destingue principalmente por uma elevada delicadeza de gosto, que vinha de ver a exposição.

— Com a breca, exclamou elle em phrase pittoresca e radiante de enthusiasmo — nunca vi nada assim. Que pena aquellas jarras não serem mulheres. Apaixonava-me por ellas.

E quando entramos hontem na exposição e vimos as taes jarras comprehendemos esses enthusiasmos; são positivamente um encanto, tudo o que em louça d'aquelle genero se pode ver de mais bello.

A elegancia dos desenhos, a minuciosidade graciosa dos promenores, a limpidez brilhante do vidrado, a nitidez das varias *nuances*, a belleza da concepção artistica e a belleza do acabamento, são quasi phenomenaes, como phenomenal é o talento extranho de Raphael Bordallo, e as aptidões excepcionaes e novas que de dia para dia vae irradiando.

A ornamentação da sala da exposição é d'uma originalidade elegantissima, e tudo n'aquella casa mostra a direcção d'uma intenção artistica previlegiada d'um bom gosto excepcional.

A exposição de quadros, no salão contiguo ao das louças das Caldas é muito importante e tem sido muito louvada pelos mais entendedores.

Nós francamente o confessamos — e com certo orgulho, no fim de tudo, porque é uma coragem desusada confessar que se ignora alguma cousa n'esta terra em que toda a gente sabe de tudo, — não entendemos nada de pintura, e a nossa critica em frente d'um quadro é tudo o que ha de mais ingenuo, gostamos ou não gostamos — sem saber dar outro motivo senão, se agrada ou desagrada aos olhos, completamente ignorantes em discussão d'escolas e em materia de processos. Por isso acontece-nos muitas vezes achar detestavel o que a alta critica aponta como maravilhoso hoje em dia, e vice-versa, e por isso ainda, nunca tomamos ar d'entendedor, não nos mettemos a dar sentenças, ouvimos as opiniões apregoadas dos que sabem da cousa, reservando-nos o direito de continuar cá sósinhos, no nosso intimo a achar mau aquelle que nos desagrada embora digam que é bom, e achar bom aquillo que nos agrada embora digam que é mau.

Vae por ahi, por essa Lisboa toda uma grande azafama de entrouxar roupa e arranjar malas. Está um calor de respeito e os lisboetas livres este anno do terror do cholera pensam em se desforrar dos annos anteriores, d'esses calores apanhados a pé firme entre Xabregas e Alcantara, com medo do microbio que passeava a sua villegiatura pela fronteira hespanhola.

Este verão penso que Lisboa fica deserta. Não ha pessoa alguma que não nos diga que vae para fóra, e nós mesmo já ha muito tempo que estamos dizendo aos nossos botões que é necessario ir por esse Mi-

Conselheiro Dr. Duarte Gustavo Nogueira Soares
Novo ministro portuguez, no Brazil. (Segundo uma photographia de Fritz)

nho acima tomar um bocado de ar e procurar algumas aguas digestivas que mandem passear uma dyspepsia impertinente.

E, francamente, nós não temos uma grande paixão por estas villegiaturas.

Os parisienses começam agora a revoltar-se contra ellas, e ha já muitos bons filhos de Paris que aguentam o pé firme os mezes de verão no *Bois* e nos Campos Elysios.

Effectivamente, isto de um sujeito, e sobretudo de uma familia, só por divertimento, por costume de todos os annos, por *chic*, deixar a sua casa confortavel, as suas commodidades, os seus habitos de vida, e ir metter-se n'um cubiculo asphixiante ahi para qualquer estrada poeirenta do nosso fora da terra, e passar dois ou tres mezes a dormir em más camas, em quartos microscopicos, com a familia encaixada em plataforma de americano antes da lotação, sem nenhuma das suas commodidades habituaes, é tudo o que ha de mais triste.

Quem tem boas casas lá fóra, quem pode ter uma casa de campo que seja a edição de verão da sua casa de inverno, que, sahindo de Lisboa, vá encontrar bom ar, boa agua, com toda a sua commodidade, com todos os seus regalos, que saia da capital apenas o calor entre, perfeitamente de accordo. Mas a casa barata, o cochicholo de aluguer, dez pessoas em tres casas, e tres cadeiras para dez pessoas, por divertimento, por prazer, por elegancia, é tudo o que ha de mais idiota nos vastos dominios da imbecilidade humana.

E apesar d'isso, ou antes por isso mesmo, ha muita gente que adora este fora da terra assim, e o pratica todos os annos com carroça á porta logo que os jornaes da provincia noticiam a chegada das andorinhas, ha muita gente que, morando em bellas casas nos sitios mais saudaveis e pittorescos de Lisboa, tão depressa o calor aperta, vae-se metter em casinholas insalubres, nas vielas mais doentias do nosso fora da terra pelintra.

E o mais curioso de tudo isto é que a maior parte das vezes esses casebres alugam-se pelo preço de palacios.

E este anno o fora da terra poz-se de mão na ilharga; nos annos anteriores despresaram-no; este anno desforra-se, e faz muito bem. No campo as casas não se alugam; quasi que se vendem; e nas praias mais frequentadas quem quizer mergulhar na fresca onda tem primeiro que nadar em rios de dinheiro.

Temos sobre a nossa mesa mais alguns livros novos, que teem vindo engrossar as rumas dos que esperam chronica.

Naturalmente no proximo numero começaremos a falar d'elles: agora vem o tempo das ferias, da *morte saison*; os acontecimentos, que nunca são muito vertiginosos, costumam n'estes mezes permittir a um chronista que converse o seu bocado a respeito de livros, que faça um bocadinho de bibliographia.

Entre estes ultimos livros um é da illustre escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, e intitula-se *Cartas a Luiza*; outro, é um volume de contos de aldeia, *Agrestes*, do sr. José Fontes; outro, *A Pança*, um voluminho de contos do sr. Augusto de Lacerda; e finalmente o primeiro volume do theatro do já glorioso dramaturgo Lopes de Mendonça, contendo as suas duas peças até hoje representadas — dois grandes *successos* —: *A noiva* e o *Duque de Vizeu*.

Se Deus quizer, e a pacatez do verão deixar, começaremos a falar d'elles na proxima chronica.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CONSELHEIRO DR. DUARTE GUSTAVO NOGUEIRA SOARES

Novo ministro de Portugal no Brazil

Em abril ultimo foi nomeado pelo governo de Sua Magestade, o sr. conselheiro dr. Duarte Gustavo Nogueira Soares, para o importante cargo de ministro de Portugal junto á côrte do Brazil.

S. ex.ª seguiu viagem para o Rio de Janeiro, no paquete do dia 23 de junho findo, e nós bem quizeramos ter publicado o seu retrato, se outras circumstancias não tivessem impedido de o fazermos mais cedo.

A nomeação do sr. conselheiro Nogueira Soares para o alto cargo que vae desempenhar, é um facto de tal importancia para o nosso paiz e para os portuguezes que estão no Brazil, que não podiamos deixar de o consignar nas paginas do nosso periodico, cuja missão especial é ir fazendo a historia contemporanea sob todas as suas feições.

As relações de Portugal com o Brazil são tão especiaes, pelos grandes interesses que ligam estas duas nações, que a nomeação dos funccionarios que melhor devem sustentar essas relações amigaveis como as de dois paizes irmãos e onde, uma grande parte dos filhos de Portugal, vão procurar no trabalho os meios de fortuna que não podem adquirir na mãe patria, é sempre um assumpto grave que deve merecer ao governo portuguez toda a sua attenção e prudencia.

É porisso que nos alegrou por nós e pelos nossos irmãos de além mar, a noticia da nomeação do sr. conselheiro Nogueira Soares para ministro no Brazil, porque sabemos quanto este cavalheiro fará em prol dos seus compatriotas expatriados, o quanto irá estreitar mais e mais os laços que prendem as duas potencias, e é-nos garantia da nossa previsão, a provada capacidade e competencia do sr. conselheiro Nogueira Soares, pelas suas habilitações litterarias e scientificas, pela pratica e experiencia dos negocios publicos n'um espaço de tempo superior a trinta annos, porque conhece perfeitamente as relações diplomaticas entre Portugal e o Brazil, finalmente pelo seu grande patriotismo, revelado nos actos da sua vida e nas paginas do seu livro publicado em 1884 *Considerações sobre o presente e o futuro politico de Portugal*, livro cheio de verdades e de sensatez, onde pervalece o estudo serio e consciencioso da politica portugueza, feito com toda a independencia de um espirito superior e desinteressado, onde o amor da patria está acima das conveniencias particulares dos partidos.

Já em 1861 o sr. conselheiro Nogueira Soares conhecia bem os negocios consulares de Portugal no Brazil, pelo celebre processo, de triste memoria, do consul geral no Rio de Janeiro, barão de Moreira, de que s. ex.ª foi relator.

Tres annos depois fez parte de uma commissão nomeada pelo duque de Loulé, para organisar um regulamento dos consulados portuguezes no Brazil.

Durante dezoito annos foi encarregado da direcção dos consulados, no ministerio dos estrangeiros, onde ultimamente desempenhava as funcções de secretario geral.

Não se podem reunir, pois, mais predicados que recommendem um funccionario publico para a importante missão de ministro de Portugal no Brazil, e por isso felicitamos a grande colonia portugueza n'aquelle imperio, porque vae ter um representante do seu paiz que honrará a patria e zelará os seus interesses.

O sr. conselheiro Nogueira Soares conta actualmente 55 annos, pois nasceu em 1831, em Marco de Canavezes. A sua organisação robusta permitte-lhe ainda larga vida e actividade no serviço publico.

Tem o curso de Direito e de Administração, em que se formou na Universidade de Coimbra, onde foi um dos mais distinctos estudantes.

No serviço publico conta trinta e quatro annos, tendo sido a sua primeira nomeação em 1852, para amanuense da secretaria das Obras Publicas.

A distancia que o sr. conselheiro Nogueira Soares venceu do modesto emprego por que principiou até ao alto cargo que hoje exerce, são a prova mais eloquente do seu levantado merito.

CASTELLO E LAGO DE STARNBERG

Eis-nos no theatro do triste epilogo do rei Luiz II da Baviera, de que nos occupámos em o ultimo numero do OCCIDENTE.

O lago de Starnberg e o castello que está proximo das suas margens, eram a estancia predilecta do rei Luiz, onde a sua phantasia encontrava a realisação de muitos dos seus sonhos, quando elle, em noites de luar, fluctuava sob as aguas do lago, n'um ligeiro barco de fórma caprichosa, e vestido como o lendario Lohengrin.

Quantas temporadas felizes passou alli o phantasioso rei, em companhia do grande Wagner, consumindo horas e horas no enlevo da musica, ouvindo as partituras do maestro, que elle divinisava na sua grande alma de artista.

Outras vezes povoava o lago de cavalheiros, em costumes phantasiados, e por noites estrelladas, numerosa flotilha de pequenos barcos sulcava as serenas aguas, onde a luz dos archotes se reproduzia inquieta de envolta com as ephosphorecencias douradas que recamavam a espuma.

Ouviam-se então os côros das grandes operas de Wagner executadas por esses cavalheiros, que o rei Luiz, na sua phantasia, imaginava serem os personagens lendarios que o grande maestro fazia reviver nas suas operas.

Onde o rei tanto gosara ahi veio a ter fim, e segundo a lenda não foi elle o primeiro que se afogou nas aguas d'aquelle lago; o principe Alberto da Baviera, que renunciou os seus direitos á corôa da Allemanha em favor de Maria Thereza d'Austria, tambem procurou a morte alli, não morrendo immediatamente, mas morrendo dias depois em consequencia da sua tentativa de suicidio.

O castello de Berg foi mandado construir pelo principe eleito, Maximiliano da Baviera, entre os annos de 1618 a 1648, durante a guerra dos 30 annos.

Em 1857 foi este castello restaurado por ordem do rei Maximiliano II.

Está o castello situado a 20 kilometros de distancia de Munich, nas margens do lago Starnberg, que é de uma grande belleza, pelos formosos jardins que o orlam e por algumas pittorescas povoações que se espelham em suas aguas.

FIRMINO JOSÉ DA COSTA

Acompanharei com algumas linhas o retrato d'este prestante official, que acaba de ser nomeado, pela exoneração concedida ao sr. Thomaz Rosa, governador de Macau. Não irei procurar no *Almanach do Exercito* os seus dados biographicos, e os elementos para a historia da sua carreira militar; apenas consignarei aqui as minhas impressões pessoaes de antigo amigo e camarada.

Firmino José da Costa deve ter hoje um pouco mais de quarenta annos. Pertence a uma pleiade brilhante de alumnos do Collegio Militar que honram aquelle estabelecimento de instrucção. Não vou dizer agora os nomes dos que foram condiscipulos de Firmino, dos que fizeram parte do seu curso, mas indicarei os que me lembrarem, que foram meus companheiros n'essa escola, e que são todos meus amigos hoje.

Assim em 1857, 1858, e talvez ainda em 1859, saíram do Collegio Militar, entre outros, Ferreira de Mesquita, que, abandonando a carreira militar activa, tem feito na administração financeira do paiz e na politica uma carreira brilhante; Celestino de Sousa, um dos nossos melhores escriptores militares; Pina Vidal, uma das glorias do nosso magisterio scientifico, talento mathematico de uma extraordinaria precocidade; Moraes de Almeida, um dos caracteres mais sympathicos e mais rectos que eu conheço, um dos nossos talentos scientificos mais brilhantes, lente de varias escolas, trabalhador infatigavel e professor de primeira ordem; muitos, emfim, cujos nomes agora não cito, porque, sendo inevitavel esquecer alguns, não quero fazer injustiças relativas, e apenas aponto os que estão mais em evidencia; e, finalmente, Firmino José da Costa.

Firmino é o typo do official serio, do homem honradissimo, do extremoso pae de familia. Estudante dos mais distinctos, seguiu o curso de engenheria militar, e tão novo entrou no quadro da arma que é hoje coronel, quando mal ultrapassou ainda o limite dos quarenta annos. De uma extremada modestia, escondendo-se na sombra com o mesmo empenho com que outros de valor muito secundario procuram a plena luz, é necessario conhecer-se o que elle tem feito para se saber o que vale esse engenheiro de primeira ordem, que passou a sua existencia trabalhando quasi exclusivamente no seu ramo de engenheria militar, cumprindo obscuramente o seu dever, não procurando as commissões rendosas que põem em evidencia, em condições para elles proveitosas, engenheiros de um merito muito secundario, quando se compare com o merito elevadissimo do novo governador de Macau.

A fortificação de Lisboa trouxe a lume o alto valor scientifico de Firmino José da Costa. O forte de Caxias, construido debaixo da sua direcção, e considerado por todos os homens competentes como uma obra prima de engenheria militar, attesta o que elle vale e o que elle pode fazer.

As suas qualidades moraes são apreciadas por todos os que o conhecem. Casando, pouco depois de saír do Collegio Militar, com uma juvenil senhora, crearam uma familia numerosa, que Firmino sustentou e educou, trabalhando honestamente e sem descanço, dando a seus filhos o alto exemplo de uma vida honrada e sã. Ha um facto que ainda mais prova a favor do caracter e do coração d'este official. Seu irmão mais novo, hoje distinctissimo official tambem, o sr. Antonio Francisco da Costa, ajudante de ordens de S. M. el-rei, deve os cuidados da sua educação, o auxilio e o amparo nos primeiros passos que deu na vida social, a seu affectuoso irmão. E nada ha mais bello

nem mais consolador n'esta epoca de fundos egoismos do que ver o intimo affecto fraternal que liga entre si estes dois officiaes. Estremecem-se perfeitamente. As alegrias de um são os jubilos mais intimos do outro, as afflicções que a um d'elles podem pungir dilaceram o coração do outro.

Firmino José da Costa vae governar Macau, e ha de fazer um brilhante governo. Extremamente sympathico, ha de saber conciliar a estima e o respeito dos seus subordinados; probo e honrado, ha de fazer um governo essencialmente honesto; austero cumpridor dos seus deveres, ha de fazer uma administração acertadissima; engenheiro de primeira ordem, ha de dirigir a sua attenção para as obras do porto de Macau, que estão sendo uma necessidade inadiavel e urgentissima, sem as quaes o commercio se paralysará absolutamente dentro em pouco.

Estou convencido de que os factos não hão de desmentir este horoscopo, porque o passado do coronel Firmino é a garantia que tenho para fazer esta prophecia do futuro.

Pinheiro Chagas.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XII

O calorifero inexplosivel do sr. Antonio Pinto Bastos — a loucura das grandezas — dois grandes conquistadores do Egypto conservados ha mais de 3000 annos: Rhamsés II e Rhamsés III.

O calorifero inexplosivel é um utilissimo apparelho invenção d'um cidadão prestante, industrial portuguez, de quem já aqui memorámos alguns dos inventos e os quaes tiveram o applauso dos que sinceramente prestam culto ao merito, e ao bom nome que advem a Portugal por aquelles que assim lhe dão lustre e logar de honra entre as nações, que mais se avantajam no progresso.

Este apparelho, invertido e construido pelo sr. Antonio Pinto Bastos e representado na nossa estampa, é destinado a gerar vapor e a fornecer nas habitações agua quente para banhos ou quaesquer outros usos, por um preço modico. A sua installação é simples e por isso mesmo pouco dispendiosa. O aquecimento effectua-se n'um cylindro, que está apoiado superiormente no massame, havendo entre este cylindro um vazio interceptado por uma lamina em espiral, para assim formar passagem forçada aos gazes da combustão, que circumdam o cylindro e são dirigidos para uma chaminé.

Na extremidade superior do cylindro, ha uma tampa fixa por meio de parafusos, tornando se por isso facil desencrustrar o cylindro, quando for necessario. Ha dois tubos fixos á tampa. Um d'elles prolonga-se até proximo do fundo da caldeira ou cylindro e o outro termina quasi á face da tampa. O apparelho collocado no pavimento inferior permitte dar aos tubos a direcção mais conveniente, prolongando-se até a um reservatorio, que é alimentado automaticamente com agua fornecida por uma valvula, como claramente se indica na estampa. Os tubos, estabelecem uma corrente constante de agua quente ascendente no tubo que mais profunda na caldeira e fria no outro tubo, onde a corrente é descendente, pois conduz a agua do reservatorio para a caldeira.

No tubo ascendente, o qual pode atravessar o pavimento e as paredes de varios andares, ha torneiras, que fornecem aos inquilinos agua quente.

A fornalha que aquece a caldeira é de systema commum. Este apparelho já se acha installado em alguns edificios de Lisboa e praticamente está demonstrada a sua utilidade.

— Sobre a *loucura ou paixão das grandezas* fez uma curiosa conferencia o sr. Reynard, a qual vem publicada na *Revue Scientifique*. Onde começa a *loucura* e onde acaba a rasão? — pergunta o author, o qual expõe um certo numero de casos, para concluir que a loucura d'essa especie, só é loucura propriamente dita, tendo em vista a situação do individuo. Pois não será loucura exigir 100, 200 ou 600 libras para cantar por algumas horas, como fazem certos cantores? Sel-o-hia para todos que não fossem esses *virtuose* n'este caso menos loucos do que o publico, que lhes satisfaz o desejo. Querer separar a Africa de Asia não seria uma loucura? Não obstante o facto realisou-se.

Essa affecção é mais geral do que se pensa. Segundo o conferente, a necessidade de occupar o publico da propria pessoa, o que obriga tantos individuos ás manifestações as mais extraordinarias, é uma attenuação d'essa doença mental, manifesta no desejo de brilhar pela pratica de actos, que tão pouco merecem. Um tal timbra em pagar carissimo bagatellas; um outro faz sacrificios enormes para assistir ás primeiras representações; outro julga-se um ente superior porque empregou algumas dezenas de contos de réis na compra de cavallos e de carruagens; aquelle não vae a passeio ou theatro se não em certos dias indicados pela moda ou pelo *bom tom*, que quasi sempre é o inverso do *bom senso*. Ver antes dos mais, ser visto, passar por um homem de gosto apuradissimo, eis a paixão, ou antes a loucura d'esses escravos da moda que vestem, comem, calçam, passeiam, divertem se e até *amam* por causa dos outros, e que se não são loucos furiosos, são pelo menos idiotas... É n'esses individuos, actores de novo genero, que representam á sua custa vivendo para o publico e não para si, que a loucura das grandezas, a paixão de brilhar por coisas que nada valem, faz maior numero de victimas. Os ambiciosos politicos não fazem excepção.

O sr. Regnard cita alguns casos curiosos; d'este genero de loucura, mas que o pequeno espaço de que dispomos não nos permitte mencionar.

— Maspero, o illustre professor egyptologo do collegio de França e que tem dirigido as excavações scientificas no Egypto dirigio á Academia das Inscripções de Paris — o processo do despojo de tres mumias encontradas com muitas outras em logar occulto em Deir-el-Bahari, para onde tinham sido levadas dos seus tumulos primitivos, sem duvida a fim de as subtrair á profanação. Tendo se procedido ao despojo da mumia catalogada sob o numero 5223, reconheceu-se pelas inscripções traçadas nas fachas e cintas de panno, que a envolviam, ser a do famoso Ramsés II, o Sezostris dos gregos.

Achavam se presentes o Khedive, sir Drummond Wolff, Nubar-Pachá e outras pessoas importantes, egyptologos, etc.

Tirado o primeiro involucro descobriu se successivamente uma tira de estofo da largura de 20 centimetros enrolada em volta do corpo, depois um segundo lençol cosido e mantido de espaço a espaço por estreitas cintas, em seguida duas espessuras de tiras de panno fino envolvendo o corpo da cabeça até aos pés.

Uma imagem da deosa Mouit de cerca de um metro via-se ali desenhada em vermelho e preto, assim como o ritual o prescrevia; o perfil da deosa faz lembrar o perfil de Seti I tal qual se vê nos baixos relevos de Thebas e de Abydos. Uma nova facha estava collocada sobre esse amuleto, e havendo depois uma camada de peças de panno dobrado em quadrado e maculadas com as materias biluminosas de que os embalsamadores se serviram. Affastado este novo involucro appareceu a figura de Ramsés II. Tem a cabeça alongada, pequena em relação ao corpo, o craneo calvo na parte superior, alguns cabellos brancos os quaes estavam amarellados em consequencia dos perfumes. A fronte é baixa, estreita, a arcada das sobrancelhas saliente, os sobr'olhos bem fornecidos, os olhos pequenos e muito proximos do nariz que é comprido, ligeiramente achatado na extremidade, pela pressão das cintas. A bocca é pouco fendida e os beiços grossos. A pelle é de côr amarello-terrosa. O rosto embora tenha a expressão algum tanto bestial conserva um ar de soberana magestade. O peito é amplo, as mãos finas e ainda avermelhadas pelo *henné* que servia á suprema toilette do rei.

Uma outra mumia anonyma, encontrada no sarcophago de Ramsés II, cahiu em putrefacção logo que lhe tiraram as cintas. Todavia foi possivel ver que não era o corpo da rainha Nofritari, mulher do rei Ahmés I, da 18.ª dynastia. Era o despojo mortal de uma mulher de raça branca, de edade madura, mulher, irmã ou filha de Ramsés II.

A mumia catalogada sob o n.º 5229 é a de Ramsés III. Está menos conservada que a de Ramsés II, porque o rosto estava mettido em alcatrão. A fronte é mais proporcionada, a bocca é desmesurada, os labios delgados, os dentes brancos e intactos. A physionomia é mais fina e mais intelligente que a de Ramsés II, mas é menos vigorosa. Parece uma imitação reduzida da cabeça do grande conquistador (*)

A importancia d'estas descobertas é espantosa. Considere-se que esses corpos, conservados pela sciencia dos egypcios, teem uma antiguidade de uns quarenta seculos, e dão-nos a conhecer os vultos de dois dos maiores conquistadores de uma antiquissima e brilhante civilisação.

Ramsés II, o Sesostris de que os historiadores gregos dizem tantas maravilhas, foi associado desde pequeno ao throno de seu pae. «A principio, diz Maspero na sua *Historia antiga dos povos do oriente*, foi isto apenas uma ficção legal, agradavel sem duvida aos amigos das velhas tradições politicas, mas indifferente ao resto da nação, e pouco respeitada pelo proprio Seti ou pelos ministros do governo» Da edade de 10 annos Ramsés fez a guerra na Syria e na Arabia, e foi em consequencia das suas campanhas que, habituado ao commando militar, tomou parte activa no governo interno dos seus estados. Ramsés foi gradualmente apparecendo aos seus subditos com o explendor que nenhum outro reinante do Egypto poude obter. Depois de numerosas conquistas, que ainda assim foram exaggeradas pelos historiadores gregos, no remanso de 46 annos de paz Ramsés II poude emprehender maravilhosas construcções, taes como o grande Speos de Isambul, destinado a perpetuar a memoria das campanhas contra os negros e os syrios, e onde quatro collossaes monolithos ornam a entrada. Concluiu o templo de Gournah; mandou cobrir de quadros representando a batalha de Kaderh o segundo pylono de Karnak, dedicado a Ammon; terminou o templo templo de de Amenhotep III, em Thebas; o Ramasseion, conhecido dos antigos pelo nome de tumulo de Osymandias; recordou nas esculturas as suas victorias. Finalmente, segundo Mariette, não ha ruina no Egypto ou na Nubia que mais ou menos nos não recorde o grande rei.

A egyptologia, mercê de sabios investigadores como Champollion, Mariette e Maspero, tem progredido extraordinariamente n'estes ultimos annos.

João de Mendonça.

(*) Todos estes pormenores foram extrahidos do processo-verbal enviado á Academia das Inscripções de Paris, por Maspero e publicado na integra no *Journal des Débats*.

O conselheiro João Cesario de Lacerda

Governador geral da Provincia de Cabo-Verde

(Continuação)

II

Quando da Escola Polytechnica, habilitados com os respectivos preparatorios (em cujo curso João Cesario de Lacerda havia sempre merecidamente obtido as mais lisonjeiras classificações), — quando (repito) da Escola Polytechnica passámos a matricular-nos na Escola Medico Cirurgica de Lisboa, houve para nós ambos a sensação ingrata de um completissimo *desapontamento!*

Acostumados como iamos áquelle cortez e delicado acolhimento com que o major Fernando de Magalhães Villas Boas (Secretario da Polytechnica e um dos mais bellos typos que eu conheço de perfeito cavalheiro) lograva inconscientemente conquistar a mais cordial sympathia de quantos alumnos alli cursavam, — vêrmos de repente surgir-nos por secretario na Escola Medico-Cirurgica o grosseirão mais antipathico de que pode haver noticia em fastos escolares... equivaleu isso a quasi nos arrependermos de havermos penetrado n'aquelle antro!

Porque era um verdadeiro *antro* (intenda-se bem), um antro medonho, a Secretaria da Escola Medico Cirurgica de Lisboa, como n'aquelle tempo se achava organizada!...

Por secretario (já o disse) um gallego estupido com pretenções a velhaco, verdadeiro hippopotamo na fórma, e sem um vislumbre siquer de boa-educação, mas tosco por natureza, tosco por gosto, bruto e brutissimo!... «*Pachyderme*» lhe chamava a estudantada em sua pituresca linguagem. Mas... *parce sepultis!*

Amanuense da Secretaria era um tal Ferraz!... um masmarro de narigueta enorme e barretinho de seda preta, que se gabava de saber dar leis aos estudantes, e que se julgava dono d'aquillo tudo!

Como satellites, os tres moços da «casa dos córtes»: — o Felisberto, typo de fadista já maduro, que syndicava da nossa frequencia nas dissecções anatomicas, e que nos intrigava se não *pagavamos* sufficiente numero de cadaveres (a doze vintens cada um); o Teixeira, um pobre diabo, cuja physionomia funebre tinha um que-quer que-seja de caveira (esse preferia seguir outro rumo: impunha-se como confidente de certos professores, e propunha-se advogar ante elles a nossa *applicação* e o nosso *aproveitamento*), finalmente o Xavier *Regente* (corruptéla gallega de Xavier Resende), o Xavier que sobrelevava aos dois companheiros na ignorancia do seu mestér, e que por isso mesmo se arvoráro curandeiro-especialista de molestias secretas!

E, como não sabia escrever as receitas que aconselhava a numerosos clientes, associava o Marques no negocio, repartindo com elle os ganhos em troca da sua garrafal calligraphia.

Marques — o João Norberto Marques de galhofeora memoria — era em toda a sucia o unico verdadeiramente de quem nós gostavamos. Exercia o mestér de guarda, e «tomava o ponto» nas aulas. Pacato, bonacheirão, serviçal, amigo dos estudantes que todos tratava por tu, e a quem todos por tu tambem tratavam, amigo mórmente de que uma vez por outra lhe dessem um *pataquito* para o *garrafario*. — João Norberto Marques, com aquella cara alvar, com aquelles oculos de myope grutescamente incaixilhados em lata, e no meio de tudo com aquella ar profundamente burocratico, refractario ás proprias troças do rapazio (que todas no fim de contas eram innocentissimas, porque todos intimamente sympathizavamos com similhante typo), — João Norberto Marques representava no «pessoal menor» da Escola Medico-Cirurgica o unico elemento aproveitavel (*unico*, se puzermos de parte o velho Bahia, todo inlevado na subintendencia do Horto Botanico, — um patusco inoffensivo que lia o De Candolle em latim, e que só imbezerrava quando na primavera iamos comer-lhe as tangerinas ou as nesperas).

João de Lacerda e eu, ao atravessarmos aquelles humbraes, perguntámos instinctivamente um para o outro:

— *Quid inde?*

Resposta, incarregou se de nol-a dar em sua primeira lição de Anatomia o eloquentissimo professor Thomaz de Carvalho, honra e gloria da medicina portugueza:

— «*Lasciate ogni speranza voi che entrate!*»

Assim nos dizia elle, invocando o celebre verso do poeta do *Inferno*, para bem nos fazer comprehender em sete palavras as sete mil desillusões a que tem de aventurar-se quem penetre por aquella «*selva oscura*».

João de Lacerda e eu, estremecemos involuntariamente ao escutarmos a tremenda prophecia! Era nem mais, nem menos, que dizer-nos a voz experimentada e auctorizada do Mestre:

— «Ponham de parte as suas aptidões litterarias, se perante a maioria dos professores d'esta escola pretendem passar incolumes.»

N'aquelle anno fôra tambem o Dr. Thomaz de Carvalho a quem pertencêra pronunciar, na abertura solemne das aulas, o discurso inaugural. A sala enchêra-se de espectadores, muitos dos quaes nunca a similhantes actos costumavam concorrer. É que a palavra do Mestre tem o mirifico condão de espertar a indifferença publica. O assumpto de tão substancioso e monumental discurso foi a critica historico-philosophica do charlatanismo.

Entre o auditorio, nas bancadas vulgares da sala, entre os estudantes, havia democraticamente tomado assento o grande José Estevão, que rompeu estrondosamente n'uma salva de palmas, quando o seu amigo Dr. Thomaz de Carvalho rematou o discurso. João de Lacerda e eu, dominados pela influencia magnetica do orador, sentiamo-nos devéras enthusiasmados.

Começou depois a frequencia das aulas. O Dr. Thomaz de Carvalho pouco tempo se conservou na magistral regencia da cathedra. Veio, apoz elle, não me lembra já que substituto; lembra-me só que nos massava, impingindo-nos textualmente as paginas de um ponderoso compendio em quatro grossos volumes! que horror!... Imagine-se: — o *Traité d'anatomie descriptive* pelo Cruveilhier!

Apparecia então alli frequentemente, assistindo ás prelecções como ouvinte officioso, um toleirão já meio-velhote, por alcunha «o Azevedo», de luneta, bexigoso, gingão, com pretenções a ingraçado, — um asno que dava lérias no intervallo das aulas, e que nos andava a espionar no amphitheatro anatomico em parceria com o decantado Felisberto. Era uma especie de bobo a constituir elemento burlesco em meio d'aquelle infadonho noviciado.

O homemzinho havia em tempos clinicado, ou

CORONEL FIRMINO JOSÉ DA COSTA — NOVO GOVERNADOR DE MACAU
(Segundo uma photographia de J. A. Madeira)

LAGO DE STARNBERG, ONDE SE SUICIDOU LUIZ II DA BAVIERA

feito coisa parecida, n'uma povoação rural cujo nome agora me esquece D'essa clinica ainda hoje conservo memoria pouco fagueira o meu dilecto amigo Sousa Martins, — o qual, em pequeno, affectado por uma amygdalite, houve de sujeitar-se á pericia d'aquelle burro, que, no seu enthusiasmo de explorar-lhe as amygdalas, ia asphyxiando a pobre creança ao intrometter-lhe pela guéla abaixo o cabo da classica colhér-de-prato!

N'uma atmosphera d'estas é que nos aguardavam cinco annos de tirocinio escolar! cinco seculos de provação tremenda! cinco eternidades!...

Ah! que se não fôssem as *facecias* do Sousa — um alumno que alli nos acompanhou algum tempo, fustigado imbora por uma saraivada de *RRR*, e que *dava pratinho* pelas suas imbecilidades ingraçadissimas quando chamado á licção, — creio eu que teriamos morrido dyspepticos!

Aos rapazes d'hoje nem siquer talvez pareça crivel o que n'aquelles tempos alli succedia. Estudante, ácerca do qual suspeitas corressem de não sêr avêsso ás lettras, podia considerar-se um homem fatalmente perdido!

As iras implacaveis do corpo cathedratico faziam gala em fulminar *ab alto*, com inquisitorial intolerancia, quem nos bancos então da Escola Medica de Lisboa ousasse rebellar-se contra a suppressão dos preceitos grammaticaes.

Hoje não acontece assim. Hoje os professores moços, que ensinam na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, convenceram-se quasi todos de que o diploma n'um curso de tão grande importancia não deve levar a nota de *louvor* a quem não saiba dar prova de que, apar dos conhecimentos medicos propriamente ditos, adquiriu o indispensavel talho para a elegancia das lides academicas.

Mas João Cesario de Lacerda, o meu talentoso condiscipulo, se quiz vêr laureados com «distincções» e «premios» o seu estudo e o seu aproveitamento, teve cautelosamente de incubrir-se pela suppressão do sobrenome todas as vezes que no campo da litteratura appareciam a lume producções suas. Nas matriculas das aulas figurava o seu nome todo, como ainda hoje é conhecido, e applaudido, e festejado, e respeitado, entre os mais distinctos facultativos da classe naval: — João Cesario de Lacerda. Nos cartazes de theatro, quer firmando dramas, quer scenas-comicas, e nos jornaes litterarios subscrevendo versos, assignava-se apenas: — João de Lacerda.

EXPOSIÇÃO DA FABRICA DE FAIANÇAS DAS CALDAS DA RAINHA, NO SEU DEPOSITO DA AVENIDA DA LIBERDADE (Desenho de J. R. Christino)

Vid. "Chronica Occidental,

É que... desgraçado do alumno, sobre quem pezasse a desconfiança de intregar-se a *litteratices!* Cahiam de chofre sobre elle inclementissimos os anathemas do conselho escolar. E ai do misero que se atrevesse a infringir aquelles tradicionaes preceitos!

Commungavam geralmente n'esta santa doutrina muitos dos venerandos membros do corpo docente.

Mas Thomaz de Carvalho, Arantes Pedroso, e Magalhães Coutinho, estabeleciam *escandalosamente* scisma no compicuo synhedrio, mostrando-se indulgentes, benevolos, affaveis, e sobremaneira hospitaleiros para com todo aquelle discipulo em cujas tendencias de espirito litterariamente educado lhes surrisse a convicção de que não constituiria no futuro um epigramma burlesco á feição academica da Escola.

O proprio Arnaut, — que era austerissimo em conservar impollutas as «tradições anatomicas» d'aquelle instituto, — o professor João Mendes Arnaut, que se indignaria se visse que um estudante a insaiar no amphitheatro a laqueação da sub-clavia carecia de inlambusar-se com sangue até aos cotovellos, — o professor João Mendes Arnaut, um dos nossos mais notaveis cirurgiões, surria todo paternal, todo bondoso e complacente, quando ás aptidões practicas do alumno vinham sommar-se na feitura da sua *dissertação inaugural* as elegancias estylisticas do escriptor.

É que o professor João Mendes Arnaut, — a quem n'este logar aproveito o ensejo de testemunhar em publico minha indelevel gratidão pelas innumeras finezas que me prodigalizou como professor e amigo (*), — tinha o raro condão de saber, sem paixões nem preconceitos, descortinar o verdadeiro merito e authenticál-o onde quer que o descortinasse.

(*) O professor Arnaut, a quem me honro e ufano de ter escolhido para padrinho da minha «these inaugural» e presidente do meu «acto grande», não hesitou em laurear-me n'essa prova final com a classificação de «louvor», — apezar da má vontade que me tinham alli certos sujeitinhos, mórmente o «Pachyderme» e o «Judeu» da clinica medica, por eu ter a audacia de escrever folhetins na *Gazeta de Portugal*. Cito de preferencia este facto pessoal, que, por se referir a um obscurissimo discipulo, mais e mais demonstra a generosidade magnanima do Mestre.

Foi durante essa quadra do seu tirocinio escolar que João de Lacerda logrou o prazer de sentir-se applaudido em publico por uma platéa inteira.

A noite de 6 de Agosto de 1863 em que pela vez primeira se representou no Theatro do Gymnasio a sua comedia-drama em tres actos — *A corôa d'artista* — ficou, por sem duvida, constituindo para João de Lacerda uma das mais fagueiras, das mais gratas recordações. Sem *claque*, sem *reclame*, o publico enthusiasmado exigiu, com uma interminavel salva de palmas, que o auctor apparecesse no palco a receber festiva e solemne a consagração do seu talento. Sua mãe e suas irmans, que assistiam n'um camarote áquella auspiciosa estreia, choravam commovidas ao presencearem os triumphos do moço dramaturgo.

E não sei qual d'aquelles dois elementos mais impressionaria o festejado auctor: se as palmas dos extranhos a victorial-o, se a commoção da familia a compartilhar similhante victoria. Sua mãe que elle tanto adorava!...

Quando em Julho de 1864 João de Lacerda fazia publicar em volume (constituindo o n.º 12 da *Tribuna Theatral*) aquelle seu formosissimo escripto (in-4.º de 67 pag.), o auctor já não poude offerecer á extremosa mãe que tanto se revia nos talentos do filho um exemplar do seu livro. Mas a saudade profunda que lhe ficára, a primeira dôr verdadeiramente pungente que João de Lacerda incontrava por entre os espinhos da vida, essa lá se nos depara eternizada na dedicatoria em pag. 3: — «Á memoria de sua mãe, a Ex.ma Sr.a D. Maria José Ferreira de Lacerda, em testemunho de gratidão e saudade, D. C. o auctor».

N'essa mesma collecção da *Tribuna Theatral* se publicou tambem (formando o n.º 15) *O estudante em dia de sabbatina* (in-4.º de 8 pag.), — uma scena-comica ingraçadissima, em que João de Lacerda faz uma fiel pintura do viver escolar, e que foi com muito applauso representada pela primeira vez no Theatro d'Almada aos 17 de Janho de 1860. D'esta scena-comica, publicada em 1864 pela *Tribuna Theatral*, já em 1860 sahíra outra edição (Lisboa — Typ. de J. J. de Carvalho — in-4.º de 8 paginas).

Simultaneamente João de Lacerda traduzia peças para o Theatro de D. Maria II, para o do Gymnasio, para o da Rua dos Condes; publicava, quando muito rogado, versos que andam por ahi disseminados em varios periodicos da epocha; e ás escondidas, sem dizer nada a ninguem, amestrava o pulso para os artigos politicos em que mais tarde havia de figurar brilhantemente tambem.

Quando em Julho de 1865 terminámos ambos o nosso curso, João de Lacerda despedia-se triumphantemente do tirocinio escolar escrevendo para thema do seu «acto grande» uma excellente dissertação a que modestamente poz por titulo: — *Apontamentos para a descripção pathologica do cancro do figado* (in-8.º de IV-43 paginas).

Afastado como estou hoje de similhantes assumptos, mal me iria fazer aqui a critica de tão apreciavel trabalho. Mas sinto prazer em relembrar o que por essa occasião escrevi, quando folhetinista da *Gazeta de Portugal*, sob o pseudonymo de *Olympio de Freitas*:

«... Não concluirei já agora o meu folhetim sem lhes falar tambem de um amigo meu que o gremio da medicina acaba de receber como adepto querido e esperançoso. Chama-se João de Lacerda.

«Ha pouco mais de um anno, publicava o talentoso mancebo uma comedia-drama que fôra representada com muito applauso no Gymnasio: — «*A corôa d'artista*».

«Ha quatro, ha tres annos ainda, abrilhantava um semanario da capital as suas columnas com versos lindissimos, em que as harmonias do coração se lhe requebravam, e que os amigos difficultosamente conseguiam que elle intregasse á publicidade, — tão escrupulosa era a sua modestia!

«Hoje o moço estudioso acaba de publicar a sua these medica sobre «cancro do figado».

«Vejam a differença e a transição em tão pouco tempo!...

«Hoje, descrevendo-nos um exame cadaverico, diz-nos elle o seguinte: — «Materia encephaloide «deposta em focos do volume de cerejas na es«pessura do parenchyma do figado...»

«Ha tres annos ou quatro .. viesse elle falar-nos de cerejas, — e corto eu a cabeça se não fôsse para as comer como guloso, ou para lhes comparar na côr os labios de alguma mulher bonita!...

«Annunciando a conclusão do seu curso medico-cirurgico, annuncio hoje um homem prestante á humanidade, e para quem os louros colhidos no tirocinio das escolas são apenas o prologo dos triumphos que o esperam, e a que tem direito o brilhantismo do seu talento apar da honradez do seu caracter.»

(Continúa) *Xavier da Cunha.*

O ATTENTADO DE MOSCOW

I

Á sahida da velha capital da Russia, no sitio em que esta cidade meio asiatica, immensa como a antiga Babylonia ou Ninive, é finalmente vencida pelo espaço e, rareando cada vez mais as suas habitações, se confunde com os prados e campos, interminaveis planicies sem cultura que por todos os lados a rodeiam, como as aguas do mar a uma ilha, ahi mesmo nos confins da cidade existe uma casinha de um só andar com as suas lojas, velha, denegrida do tempo e meio arruinada.

Mas apesar de estar em uma capital, esta casinha não destoa no bairro em que se acha. As outras casas que a circumdam apresentam o mesmo aspecto miseravel e tosco, e todo aquelle bairro da grande cidade parece mais uma aldeola perdida nos plainos da Russia do que parte de uma das mais vastas capitaes da Europa.

A erva cresce no estio pelas ruas, e estas são tão largas que podiam servir para as manobras de um regimento de cavallaria. No outono porém as chuvas enchem n'as de poças e charcos onde chafurdam os patos e os ganços.

Nem signal de vida. De longe em longe passa um viandante, e, se não é vizinho do sitio, os rapazes só lhe tiram a vista de cima quando elle desapparece. Sente-se por acaso rodar um carro ou um trem de praça, todos os postigos verdes, encarnados, azues se abrem de repente, e vêem-se deitar as cabeças de fóra raparigas e mulheres curiosas de vêr um espectaculo tão extraordinario.

N'aquelle bairro tão pacato todos os vizinhos se conhecem, porque alli nasceram, alli cresceram e alli se fizeram velhos. É gente simples, patriarchal, e, no que parece, completamente extranha a toda a moderna civilisação. Vivem, sem tirar nem pôr, como viviam ha dois ou tres seculos os seus antepassados. Pertencem pela maior parte ás antigas seitas religiosas formadas no seculo XVII quando o patriarcha Nicon, homem douto mas despotico e implacavel, quiz corrigir os livros velhos de diversos *erros de orthographia*. Como estas seitas não quizessem reconhecer as correcções de Nicon, correcções que elle tratava de impor *á força* aos fieis do antigo rito, não só rejeitaram as ordenações do Estado que davam apoio ao feroz patriarcha, mórmente depois das reformas de Pedro o grande, feitas segundo os exemplos dos infieis allemães, mas repelliram até o trajo europeu que o czar reformador as quiz obrigar a usar.

Perseguidas sem piedade durante dois seculos, propagavam-se todavia por toda a Russia alastrando-se pelo povo miudo, e contam hoje pelo menos dez milhões de sectarios.

A sua principal séde é a velha capital, que os imperadores abandonaram como a velha religião. Os bairros de Preobragenskoie e de Rogoscoe, de que estamos tratando, assim chamados dos nomes dos dois cemiterios onde foram sepultados tantos martyres das duas seitas, são as suas verdadeiras

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 271)

XXIX

A sentença e a execução

Na manhã de 3 de fevereiro, saía o lugubre cortejo; Solis vestia a alva dos condemnados; mostrava-se animoso e resignado.

Gabriel Pereira de Castro e Manuel Alvares de Carvalho, os dois corregedores do crime da côrte, precediam-n'o a cavallo com todas as demais justiças.

No trajecto o effeito produzido por este extranho cortejo, era o do pavor.

De ordinario em occasiões identicas, o furor e a indignação das massas, manifestava-se brutalmente como se quizesse poupar aos carrascos o trabalho odioso de que a lei os incumbia.

Agora com este réo, succedia singularmente o contrario.

Um surdo murmurio de compaixão parecia querer de alguma maneira indemnisar este desgraçado das dôres physicas e moraes a que fôra votado por suggestões certamente d'um odio secreto, de um crime irreconciliavelmente feroz.

Gabriel Pereira de Castro, mal se firmava sobre a sella. Não era de certo a equitação a sua especialidade; mas se a sua mão de rédea se mostrava pouco firme, não era tambem porque a impericia a fizesse tremer, mas porque a consciencia a abalava.

Não longe d'elle, como a infundir-lhe coragem, a dar-lhe animo, a animal-o emfim com a sua presença, ia aquelle cumplice terrivel, que tivera artes de o arrastar afinal ao declive das paixões perigosas e vulcanicas, cujos abysmos de tão longe o attraíam.

Manoel de Pina, já tinha recebido a paga dos seus serviços, succedera ao pae no officio: era o escrivão do crime da Côrte e casa.

Lá ia de capa e volta, calção e meia de seda, fivellas de prata, fidalga cabelleira empoada.

Sobre o peito trazia o habito d'Aviz. Estava um completo homem de bem; e para que nada lhe faltasse do galardão dos merecimentos até mulher rica lhe haviam dado.

O corregedor quando desviava os olhos d'elle, ia craval-os, por effeito de uma attracção sinistra, na sua victima que a dois passos d'elle, era arrastada ao patibulo, deixando no seu trajecto doloroso, marcadas com o seu proprio sangue as pedras da calçada.

Carecia de revestir-se de toda a sua coragem para resistir ao embate de contrarios sentimentos de terror de si mesmo, de odio e desespero, que o assaltavam simultaneamente durante esse trajecto interminavel.

O verdadeiro supplicíado era na verdade elle.

Solis, apparentava uma serenidade imperturbavel. A sua bella figura, de uma correcção irreprehensivelmente aristocratica, em nada perdera dos seus primitivos dotes. Sorria com uma resignação adoravel e angelica como quem se despede do mundo sem saudades. E, nem uma queixa, nem uma lastima, soltavam aquelles labios que outr'ora expremiam sensualidade, ardente e irresistivel, e agora repassados de tão doce melancolia, e de amoroso mysticismo dos bons e dos justos!

Ao passar o sinistro cortejo na rua Nova que estava apinhada de povo e onde o silencio desusado em taes actos, quasi se podia tomar facilmente por uma manifestação do publico contra o barbaro acto que ia praticar-se, ouviu-se distinctamente uma voz que dizia:

«Eu confessei muitas vezes a Simões Pires e a verdade é que elle não seria bom christão, mas era christão.»

Os olhos do corregedor procuraram logo a pessoa que d'este modo fallava. Era o padre da companhia Alvaro Pires, um inimigo politico de Gabriel Pereira de Castro.

Curvou a cabeça e deixou-se conduzir como quem tinha a consciencia de que havia dado aos seus adversarios mais uma arma terrivel para o guerrearem.

A politica já estava fazendo uso d'ella e a peior das politicas, a mais temivel de todas, a politica do jesuita.

Errára.

A consciencia como que lhe estava dizendo já que o sangue d'aquelle innocente que alli sacrificára ao baixo resentimento de uma paixão louca e estulta, impropria dos seus annos e dos altos cargos de que estava revestido; que esse sangue havia de ser vingado.

Mas já era tarde para reconsiderar.

O terrivel poste estava armado, e debaixo do tablado viam-se as pilhas de madeira e tojo que deviam alimentar a fogueira do terrivel sacrificio humano.

Um poder irresistivel se apoderou da população, apesar de habituada a estes espectaculos medonhos, ao vêr approximar o padecente dos degraus que subiam para o tablado onde estavam os instrumentos do supplicio, o cutello, as cordas, o poste, o cepo; emfim todos esses sinistros petrechos da morte.

Quando Simão Pires Solis foi entregue aos verdugos e os padres que o rodeavam levantaram os crucifixos, exhortando-o em voz alta que o silencio sepulchral do auditorio, tornava bem intelligivel, muitas damas que estavam nas janellas foram accommettidas de syncopes.

Ao entregar o padecente ás mãos do algoz, aquelle disse: «Valha-me a Virgem do Rosario» um ruido enorme agitou a multidão.

Das janellas da sua casa, que era no campo de Santa Clara, o dr. Alvaro Velho, do senado da Camara, gritou enfurecido:

capitaes, e ahi residem clandestinamente os seus padres e os seus bispos e se reunem secretamente os seus concilios ecumenicos.

Mas a corrupção do seculo começa já a invadir tambem estes ultimos refugios da antiga fé, e, quando nas noites de festa a população sae de suas casas para se sentar, á moda do oriente, em frente das portas palestrando com os vizinhos, vê-se não raro um rapaz folgazão, operario de alguma fabrica das cidades, tocar a harmonica em vez da antiga viola, trajar uma jaqueta com botões luzidios em vez da antiga camisola e usar sapatos com saltos, o que é uma abominação allemã; conta-se até que ha sujeitinho que ás escondidas fuma tabaco, o que é um peccado mortal, pois faz assemelhar o homem não a Deus Nosso Senhor, mas ao diabo em pessoa, que nas lendas das vidas dos santos vem sempre representado com o pestilente fumo a sahir-lhe da bocca.

Os velhos abanam tristemente a cabeça e dizem que está chegado o fim do mundo porque a antiga devoção se vae acabando.

Ora os donos da casa, que acima mencionámos, não pertencem aos aborigenes d'este bairro patriarchal. É gente que veiu installar-se alli. Comtudo ninguem na vizinhança os olha com maus olhos, porque é boa gente, simples e temente a Deus. É uma familia que se compõe de marido e mulher, e esperam de dia para dia a chegada de seus velhos paes.

A mulher, posto pareça muito nova, é uma excellente dona de casa e não quer saber senão dos seus arranjos domesticos. O marido, pobre artista de Saratoff, terá os seus trinta e dois ou trinta e tres annos, mas é muito serio para a edade que tem. Não padece duvida que é tambem da seita. Elle não fuma tabaco, elle não faz a barba, e já se sabe que fazer a barba é considerado como outro peccado gravissimo, porque tira ao homem as parecenças com Deus, a cuja imagem, como é sabido, elle foi creado. Verdade é que o recem-chegado usa sapatos com saltos e traz jaqueta. Mas isso é talvez com medo dos judeus ou porque pertence por ventura a outra seita, em que estas coisas não são prohibidas, e então não ha razão de queixa, porque entre as diversas seitas reina perfeita tolerancia.

Um indicio importante contribue para converter em certeza esta suspeita amigavel.

Os inquilinos eram dois. Mas não havia duvida em que a casa era habitada por muita gente. As provisões que compravam eram taes, que, por mais appetite que tivessem, era impossivel que as comessem todas sósinhos. E de mais algumas velhas nas suas noites de vigilia ouviram ranger a porta e até o rodar de carruagens que evidentemente traziam gente de longe.

— O que podem ser senão irmãos? — diziam em segredo os velhos. Ninguem de certo iria dizer uma palavra ao seu inimigo commum, o policia que está á esquina da rua. Isso nem por sonhos.

Não se enganava esta santa gente. A casa era com effeito habitada por uma communidade inteira de eremitas, que exerciam a profissão... de mineiros. Os carros que vinham de noite traziam dynamite e tudo o que era necessario para a explosão.

Era a mina de Moscow.

II

A excavação da mina de Moscow, destinada a fazer saltar pelos ares o trem imperial, principiou em meios de setembro e terminou d'ahi a dois mezes. Era ella uma parte do vastissimo projecto de um triplice attentado do mesmo genero, que devia realisar-se durante a viagem do imperador desde a Crimea até S. Petersburgo, sem falar de outros tres que se referem quasi ao mesmo tempo.

Em tres pontos diversos se faziam minas por baixo da linha ferrea: proximo de Moscow, proximo de Alexandrowsk e proximo de Odessa.

Suppunha-se que d'este modo era impossivel falhar o golpe.

Diversas combinações fizeram comtudo que fosse exactamente isto o que aconteceu. Os trabalhos da mina no caminho de ferro de Odessa, assim como os de Italianskaia recentemente descobertos, que tinham por fim fazer ir pelos ares o comboio imperial quando passasse pela linha da cidade, tiveram de ser abandonados por causa da mudança do itenerario do imperador. No de Alexandrowsk, organisado por Gelaboff e Okladsky, deixou de rebentar a mina por defeito da capsula, não obstante ter-se fechado a bateria n'um momento opportunissimo; e por isso o comboio imperial passou incolume por cima de um precipicio, no fundo do qual infallivelmente se despenharia ao mais pequeno abalo. Do mesmo modo falharam as outras duas anteriores tentativas; a de fazer saltar a Ponte de pedra em S. Petersburgo, tentativa organisada pelo mesmo Gelaboff e por Tetiorka, por este não ter comparecido á hora aprazada, e a de fazer saltar o vapor imperial nas visinhanças de Nicolaieff, organisada por Logovenko, o unico attentado descoberto pela policia, porque por mera coincidencia ella foi fazer uma visita domiciliaria exactamente á casa onde estavam dispostos os fios electricos.

Só em Moscow tiveram os terroristas a fortuna de realisar ao menos uma tentativa, apesar de ser onde a coisa parecia mais difficil e muito menores as probabilidades de bom exito, principalmente pelo trabalho cyclopico que demandava muitos trabalhadores, que difficilmente se podiam conservar occultos, e pela proximidade da capital, onde era muito grande a vigilancia.

Não contarei o que é já sabido pelos jornaes d'aquelle tempo. Proponho-me sómente revelar dois particulares taes como me foram contados por um amigo meu que tomou parte n'essa tentativa e por cuja veracidade respondo absolutamente.

O primeiro respeita á organisação, o segundo á execução do projecto. Ambos elles são bastante caracteristicos não só d'aquella tentativa, mas de todos os emprehendimentos dos terroristas: é a simplicidade levada ao extremo, o que está em flagrante contradicção com todas as idéas que se tem formado do nihilismo, e dos meios e modos de execução que se lhe attribuem.

Crê-se geralmente que os nihilistas dispõem de meios extraordinarios. É um grande erro, e a melhor prova d'isso está na tentativa de Moscow. São tão grandes as despezas da lucta, que os nihilistas andam sempre a correr como uns esfomeados atraz de uma nota de cem rublos. É por isso vêem-se obrigados a fazer todas as suas coisas com a maxima economia, muitas vezes com risco da propria cabeça.

Com effeito os trabalhos egypcios da mina de Moscow e das outras duas tentativas no caminho de ferro, organisadas no mesmo mez de novembro, custaram ao todo a mesquinha somma de oitenta ou cem mil liras, incluindo a despeza das viagens. E menos custaram ainda as outras emprezas de menor folego. Assim, por exemplo, a tentativa para livrar um dos condemnados do processo dos 193 no caminho de S. Petersburgo para a cadeia central de Kharkow, organisada em larga escala, e em que se tinham de comprar cinco cavallos, um carro e muitas armas, e de pagar as despezas de um numerosissimo pessoal de sentinellas, postadas em S. Petersburgo, em Moscow, em Kursk e em Kharkow para vigiarem todos os movimentos dos guardas e da policia, essa tentativa não custou, segundo as contas minuciosissimas apresentadas á commissão organisadora pelos que estavam encarregados d'ellas, senão a importancia de quatro mil e quinhentos rublos e umas fracções, isto é, coisa de umas quinze mil liras.

Gastando tão pouco, os terroristas vêem-se muitas vezes obrigados a tapar com a propria pelle as falhas que, por demasiada economia de materiaes, apparecem nas suas construcções.

Assim, na tentativa de Moscow, por falta de dinheiro, teve de se recorrer a um emprestimo, hypothecando a propria casa onde se fazia a excavação. Tivemos pois de nos sujeitar á visita dos louvados, visita que é sempre feita na presença

---

— Aquelles barbaros não sabem o que fazem, pois estão queimando vivo a um homem que está chamando por Christo e a sr.ª do Rosario.

O corregedor teve de encostar-se ao braço de Manuel de Pina para disfarçar a sua commoção.

— Tudo conspira contra nós.

— Direi antes contra Castella. Toda esta compaixão por Solis não é mais do que um pretexto dos jesuitas para agitar as massas em favor do *encoberto*.

— Já me sinto fraco para luctar com elles. Mandae que se active a execução: acabamos com isto.

Entretanto um troço de soldados da guarda allemã, a mais odiada pela população, carregava sobre o povo que parecia na sua onda crescente querer invadir o logar destinado ao supplicio.

Uma chamma azulada elevou-se então nos espaços, illuminando a pallida e ensanguentada figura de Solis que estava de pé, ainda conservando a mesma serenidade de um verdadeiro martyr, com as mãos decepadas, escorrendo sangue que lhe ensopava os pés.

Tres frades o amparavam, resando os officios da agonia.

Essa chamma era produzida pela queima das mãos da victima, como na barbara sentença se especificava, feita na sua presença.

Quando deixou de brilhar e já o fumo da grande fogueira que devia envolver todo o tablado e o padecente, subiram os ajudantes do carrasco para o amarrarem a um alto poste afim de que o fogo o fosse consumindo pouco a pouco, lentamente.

Mais de um grito de protesto sahiu dos seios da multidão compacta.

— Abaixo, abaixo.

— É barbaro.

— É infame.

Solis limitou-se a dizer, em voz entrecortada e quasi inintelligivel.

— Morro innocente por um crime que não commetti, juro...

Não pode repetir a phrase porque as suffocações do fumo lhe embargaram a voz.

A sua cabeça pendia desfallecida sobre o tronco e n'essa posição horrivel era momentos depois lambido pelas enormes linguas de fogo que se levantaram do tablado, transformado em bocca medonha de uma fornalha enorme.

Parte dos assistentes afastou-se horrorisada, em todo o largo as janellas fecharam-se rapidamente.

Aquelle fumo entrava pelas casas, invadia os domicilios, mettia-se nas guellas de cada pessoa, chegava á consciencia e ao coração de todos como um grito de protesto e de indignação.

....

Uma hora mais tarde apenas se via um montão de cinzas no local do supplicio horrivel, onde pouco depois se elevava o augusto emblema de amor e de perdão — a cruz de Christo!

Na embocadura do largo estacionavam alguns guardas.

Á noite veio com archotes a irmandade da Misericordia recolher essas cinzas para ir lançal-as ao mar.

Ao murmurio rude e sombrio da populaça que seguia o prestito, vinha juntar-se o psalmear triste e monotono das freiras de Santa Clara que não haviam abandonado o caso esse dia, invocando a divina clemencia, não sabemos se para si, se para a sua victima.

Mas das irmãs de Solis só Helena da Columna assistiu corajosamente a esses actos religiosos: Brites da Assumpção tinha perdido o juizo e Leonor do Rosario estava em vespera de o perder (1).

E a heroina da sinistra tragedia, a fatal e gentilissima Eulalia da Natividade?

Nem uma palavra mais nos trouxe d'ella até hoje a tradição historica.

(1) Annos depois morria louca.

Sepultou-se no vasto e impenetravel mysterio de que o povo formou a lenda sinistra das obras de Santa Engracia.

«É tão certo, diz a tradição popular, attribuindo a Solis estas palavras: é tão certo eu morrer innocente como é certo nunca se acabarem as obras de Santa Engracia».

Ora n'essa occasião nem se falava se quer da obra collossal feita em desaggravo do desacato.

Essa obra só muito depois se levou a effeito no sitio onde hoje está, servindo de deposito de material de guerra do arsenal do exercito, cremos que em tempo de D. Pedro II alli por 1668 a 1670.

Antes de D. Pedro estava a freguezia no Paraiso e depois passou aos Barbadinhos por os frades se terem retirado.

O convento confina do lado direito com a travessa do Paraiso que vae ter á rua do mesmo nome e é dividida pela travessa do Zagallo.

Ao lado do convento encontra-se uma travessa que vae ter ao actual jardim de Santa Clara e mercado.

Um erro do architecto fez com que se não podesse concluir e pôr o remate a esse magnifico edificio, cujo estado de conservação prova o nosso desleixo e o desamor que consagramos a quanto é nosso.

D'ahi a preoccupação popular que allia a esse monumento a estupenda idéa de que nunca se acabará, porque mão invisivel destroe de noite o trabalho dos artifices feitos de dia.

De todas estas crendices absurdas se tem alimentado o espirito do povo, a contento dos que lucram em conservar no estado primitivo de superstição e ignorancia.

São os fructos da educação fradesca que ainda hoje se reflectem nos nossos costumes e nos nossos habitos — com puro esmero cuja acção deleteria é mister combater energicamente.

Agora os factos.

Leite Bastos.

(Continua)

da policia, e isto quando os trabalhos da excavação estavam já quasi no fim.

Excuso de insistir nos perigos de tal visita.

Os mesmos trabalhos faziam-se com as menores despezas que era possivel. Assim, o instrumento de furar não foi obtido senão já nos ultimos tempos, quando, depois de excessivas fadigas, os mineiros se acharam extenuados de forças. Antes d'isso o trabalho era feito á mão. E como o tempo era humido, a galeria estava sempre cheia de agua, que pingava do tecto e se juntava em baixo, de modo que tinham de trabalhar todos mettidos na agua gelada até ao joelho e mesmo estendidos no lodo, e os mineiros não tinham os fatos impermeaveis dos mergulhadores para os preservarem de tantos soffrimentos n'aquelle antro dantesco.

Para não perdermos a verdadeira direcção da galeria, usavamos artes e instrumentos que um geodesico rejeitaria com desdem. Assim, não se comprou um astrolabio, nem mesmo uma bussola com quadrante, mas apenas uma d'aquellas bussolasinhas de viagem que só se usam para fazer planos militares.

Com o auxilio d'esta bussolasinha foram achados com mais ou menos precisão os pontos cardeaes, e para os conservar no interior da galeria serviam uns pedaços de ferro presos por um fio ao longo das travessas.

E apesar de tudo isto, quando depois da explosão a mina foi visitada por engenheiros, disseram estes que ella estava muito bem feita. A diligencia suppria a falta dos instrumentos e ferramentas proprias, e a alegria sustentava as forças.

Seria um grande erro imaginar-se aquelle terrivel ajuntamento com os attributos tradiccionaes dos conspiradores de theatro. Todas as reuniões dos nihilistas se distinguem pela sua simplicidade e pela carencia absoluta da pompa ou ostentação a que é tão avesso o caracter russo, tão propenso para o ridiculo.

Nas coisas mais serias, quando tem de se arriscar ou ainda de se perder infallivelmente uma ou mais vidas, tudo se combina entre nós em duas palavras. Nada de rhetorica. Nada de discursos patheticos. Só fariam rir, como coisa inteiramente fóra de proposito. Nas nossas discussões não ha publico. Tudo se faz entre gente que se conhece a fundo e que comprehende perfeitamente o valor das coisas.

De que serviria pois gastar palavras para dizer o que por si se entende e se suppõe? De quando em quando vibra involuntariamente em tom mais profundo uma phrase, uma palavra, ou n'um relancear de olhos lampeja um raio de enthusiasmo. Se uma pessoa que não entendesse a nossa lingua assistisse a uma reunião dos terroristas, d'aquellas em que se combinavam as coisas mais tremendas, tel-a-ia tomado por uma reunião de gente pacatissima que fala com todo o socego e simplicidade do negocio mais innocente.

Digo isto para servir de regra aos senhores romancistas que se dignaram representar typos da vida nihilista, porque todos fazem d'elles heroes de melodrama que para nós em vez de excitar enthusiasmo, como se lhes attribue, teriam surtido exactamente o effeito contrario, porque levantariam sem duvida suspeitas sobre a resolução do falador ninimamente facundo; sabe-se que cão que ladra não morde.

A excavação de Moscow póde servir de excellente illustração ao que digo. Quanto ao perigo que corriam todos os que se achavam na casa fatal, não podia ser certamente nem exaggerado nem desconhecido. Segundo as leis russas, quando se trata de um attentado contra a vida do imperador, todos os complices, sem distincção de cathegoria, incluindo os que não denunciaram, são punidos com a morte. E esta morte adejava a cada momento, de dia e de noite, por cima das cabeças dos mineiros, e de quando em quando elles sentiam o ar frio das suas azas negras e viam que ella estava muito prestes a leval-os.

Dias antes de passar o imperador, veiu a policia áquella casa com um pretexto futil. Os trabalhadores tiveram logo aviso. A policia não viu senão os donos legitimos da casa e estava tudo disposto de maneira a desviar as menores suspeitas; comtudo a mais leve alteração no rosto, o mais leve tremor de voz podiam suscital-as e provocar uma pesquiza mais minuciosa que deitaria tudo a perder.

Outras vezes era para receiar que nascesse alguma desconfiança no espirito dos nossos curiosos visinhos, como se póde ver no relatorio do processo dos dezeseis. Sophia Perowskaia teve artes de os desviar.

Para mostrar que os mineiros se não illudiam com a sorte que os esperava, basta recordar o facto de estar collocada no interior da casa uma garrafa de nitro-glycerina.

E sem embargo todo o tempo que durou o trabalho a sociedade conservava sempre a melhor disposição de espirito. Ao jantar, quando todos se reuniam, conversavamos, riamos como se nada houvesse, e a propria que trazia do bolso um revólver carregado para fazer ir pelos ares tudo aquillo e a todos nós, Sophia Perowskaia, alegrava as mais das vezes a companhia com o seu riso argentino. Um dos mineiros compoz até uns versos comicos em que se contavam em estylo faceto as varias peripecias e episodios da excavação.

Stepniak.

Apparelho inexplosivel para gerar vapor e aquecer agua para banhos, systema de A. Pinto Bastos

Vid. artigo "Actualidades Scientificas,,

RESENHA NOTICIOSA

Achado archeologico. O sr. Leopoldo Gomes Curti, presenteou, por intermedio do sr. J. M. Pestana de Vasconcellos, juiz de direito de Felgueiras, a Sociedade Martins Sarmento, com um machado de bronze, encontrado no Monte de Goes, proximo de Villa Nova de Cerveira.

Banquete. A Real Academia de Amadores de Musica, offereceu no Restaurant Avenida, no dia 8 do corrente, um banquete de 70 talheres aos distinctos maestros portuguezes, srs. Alfredo Keil, Filippe Duarte e Guilherme Ribeiro.

Nova opera de Verdi. A nova opera que Verdi acaba de concluir sobre o *libreto* de Arrigo Boito *Othello*, é superior a tudo quanto aquelle maestro tem escripto, na oppinião de Arrigo Boito que a executou ao piano tres vezes. O proprio Verdi está muito satisfeito com ella.

Mal na canna de assucar. Tem apparecido na Ilha da Madeira, mal na canna de assucar, a ponto de inutilisar plantações inteiras. O sr. visconde do Cannavial, muito distincto medico, parece ter descoberto remedio para combater este novo flagello.

Estatua a Lamartine. Foi inaugurada em Paris, no dia 7 do corrente, uma estatua de Lamartine.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Excursão pelos dominios da Entomologia, *estudos e observações sobre as formigas*, por João Alfredo de Freitas, Recife 1886. Livro de 144 paginas e 3 de indice. A formiga que mereceu ao sr. Freitas os estudos que apresenta no seu livro é um dos insectos que mais altamente tem sido estudado por varios naturalistas; entretanto as observações que sobre ella fez o sr. Freitas são bastante curiosas e vem decerto enriquecer a historia natural, merecendo por este seu trabalho os louvores da sciencia.

Boletim da Sociedade de Geographia Commercial do Porto. Livraria Portuense, editora. Porto. N.º 1. Maio de 1886, 3.ª serie, cujo summario é: *Relatorio do presidente da sociedade lido na sessão de 1 de julho de 1885; A rede e o regimen dos caminhos de ferro nacionaes, conferencia feita em 29 de outubro de 1882*, por J. P. d'Oliveira Martins; *Relatorio elucidativo dos mappas estatisticos com relação ao movimento commercial no districto de Lourenço Marques, durante o anno de 1884*, por Adolpho de Castro Netto de Vasconcellos; *O serviço militar nas colonias, communicação feita á secção de geographia militar*, por Agostinho Coelho; *Diario de Silva Porto, do Bihé a Moçambique*.

Bibliotheca do Povo e das Escolas. David Corazzi, editor, Lisboa. N.º 128, *O Macho e a Femea no reino animal*, por F. da Arruda Furtado. N.º 129, *Desenho e Pintura*, por M. de Macedo. N.º 130, *As Ilhas Adjacentes*, por João Cesario de Lacerda. N.º 131, *Historia da Grecia*, por J. Fernandes Costa. N.º 132, *Architectura Sacra*, por F. A. Celestino Soares, sendo este ultimo volume illustrado com gravuras.

Archivo ophthalmotherapico de Lisboa, proprietario-redactor L. da Fonseca, etc. Lisboa. N.º 1 do 7.º anno d'este periodico scientifico publicado pelo sr. dr. Lourenço da Fonseca, distincto medico oculista bem conhecido no paiz, pelas maravilhosas curas que tem realisado. Insere este numero varios artigos sobre doenças de olhos, distinguindo-se: «Une observation intéressante d'ophtalmie blennorrhagique» firmado pelo sr. Raul da Fonseca; «Subsidios para a historia da ophthalmologia em Portugal» do sr. dr. Lourenço da Fonseca. De uma estatisca das doenças de olhos tratadas no consultorio do sr. Fonseca vê-se que o numero de doentes se elevou, no anno de 1885, a 1:003 que recorreram ao tratamento do illustre medico.

Ilhas Carolinas, *conflicto hispano-allemão arbitrariamente solvido em Roma a 17 de Dezembro de 1885 pelo Papa Leão XIII, etc.*, por Pereira Caldas, Salgado & C.ª editores, Porto 1886. Um folheto de 32 paginas em que o sr. Pereira Caldas reuniu grande copia de noticias a respeito do grande archipelago carolino, origem do conflicto ultimamente levantado entre a Allemanha e Hespanha, sobre os direitos de descoberta e posse d'esta ultima, e que Leão XIII resolveu amigavelmente entre as duas nações, como já referimos em numeros antecedentes. O sr. Pereira Caldas enriquece este folheto com muitas citações dos Lusiadas, alem de nos mostrar grande erudicção e muito pouca grammatica. Que S. Ex.ª nos desculpe a sinceridade.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.